

3. "Onde está o teu Deus?"

De tudo e de todos, também de nós mesmos, vem uma grande provocação, que o Salmo 41 descreve bem: "As minhas lágrimas servem-me de mantimento de dia e de noite, enquanto me dizem constantemente: Onde está o teu Deus? (...). Com ferida mortal em meus ossos me afrontam os meus adversários, quando todo dia me dizem: Onde está o teu Deus?" (Sal 41.4.11).

A provocação dos inimigos e tentadores é precisamente sobre o significado da vida. Por que vives? Qual é o objetivo da tua vida? Quem amas mais que tudo e todos? Quem adoras? Quem é "Tudo" para ti? E onde está este Tudo, o qual tua alma anseia, tem tanta sede? É um Deus presente, um Deus vivo, ou apenas um conceito, uma moral ou um juiz ameaçador que faz caminhar certo, por temor?

É como a provocação das amigas à esposa do Cântico dos Cânticos: "O que tem o teu amado mais do que outro, ó tu, a mais formosa entre as mulheres? O que tem o teu amado mais do que outro, que tanto nos conjuras?" (5,9).

A pergunta "Onde está o teu Deus?" não é uma questão a qual devemos olhar ao nosso redor para descobrir onde Deus está, como um objeto perdido. A pergunta "Onde está o teu Deus?" deve nos provocar, deve provocar um olhar sobre nós mesmos, nossos corações. O amado da "mais formosa entre as mulheres" do Cântico, objetivamente, não é dito que seja o melhor ou mais bonito que os outros homens. O que o torna único, o que lhe dá um valor absoluto, o torna o mais bonito de todos, é o amor da amada, a paixão com a qual a amada o busca, o deseja. É como se Jesus Cristo –certamente o homem mais bonito da história, o ser humano mais precioso de todos os tempos, porque verdadeiro Deus e verdadeiro homem– como se o Filho de Deus se submetesse, se inclinasse para não ter outro valor fora do reconhecido pelo nosso amor. Submeteu a sua presença, sua presença real, sacramental, dando-nos a possibilidade de saber onde Ele está, onde é Deus, à paixão de nossos olhos, corações, o valor que Lhe damos ou não. Este é um tremendo mistério, porque entendemos que a nossa predileção por Ele, nosso olhar a Ele, é responsável pela salvação do mundo.

Muitas vezes, penso na confissão do centurião romano depois da morte de Jesus. Jesus tinha acabado de morrer, bebendo até o fim o cálice do desprezo total, do esvaziamento total de si. Jesus, crucificado e morto, não tem qualquer valor aos olhos dos homens, humanamente desapareceu, foi reduzido a nada. Bastaria meditar os cantos do servo sofredor de Isaías. S. Pedro também, afirmou que não o conhecia, que não sabia quem era aquele tal, como se Jesus tivesse se tornado indiferente, ou pelo menos valesse, para ele, menos que o medo diante de uma porteira fofqueira.

Imediatamente após sua morte, eis que um pagão dá de volta a Jesus todo o seu valor, reconhece o valor infinito daquele homem aniquilado, um ninguém, sem honra e sem vida: "Verdadeiramente este homem era o Filho de Deus" (Mc 15,39).

Pensem como a Virgem Maria deve ter ouvido esta confissão. Ela desde sempre soube que "aquele homem", verdadeiro homem, –pois o tinha levado no ventre e tinha dado à luz, tinha amamentado e visto crescer na sua realidade humana– era verdadeiro Deus, Filho do Pai, concebido em seu seio pelo Espírito Santo, e foi a única naquele momento, diante da Cruz, que manteve, apesar de tudo, esta fé. E eis que, em Sua solidão absoluta na fé, ouve de um dos soldados atuantes na crucificação, do comandante, que tinha feito o ato mais horrível que uma mãe pode imaginar, ele mesmo, proclama uma confissão de fé correspondente a sua fé puríssima, de Mãe de Deus. Nem João, ao Seu lado, pôde ou soube expressar tal fé naquele momento. Imaginemos o salto que deu o coração de Maria naquele momento, a misteriosa consolação que deve ter sentido, justo no momento em que deveria ter se desesperado. Nem de João, sentiu-se apoiada como da exclamação incrível daquele pagão, daquele violento, daquele homem certamente religiosamente ignorante, e quem sabe o quanto era imoral e errante. Ela, a puríssima, castíssima, fidelíssima. Esta emoção já deveria ter experimentado 33 anos atrás em Belém, na visita dos pastores. E desde então, esta brecha que seu Filho abriu, onde a humanidade era mais corrompida, foi preenchida de maravilha e continuava a meditá-la em seu coração.

Porém aqui, neste momento, situação e dor, neste homem o mistério e o silêncio eram totais, mas foi por este motivo, que estava cheio de uma nova esperança, como se da Cruz imediatamente se elevasse a aurora de um novo dia, de novos tempos, de uma renovação da humanidade. A novidade que vence o mundo, a fé em Cristo, começou imediatamente, fluiu imediatamente da Cruz. E Maria a ouviu, viu e acolheu feita por um pagão, por um dos que mataram seu Filho. Maria viu ressurgir por um pagão, a estima do valor absoluto de seu Filho, no momento em que este valor tinha sido totalmente anulado.

O mesmo pode ser dito do ladrão que reconhece que Jesus é o Rei do universo, que pode salvá-lo além da morte (cfr. Lc 23,42-43). Também nele, Maria sentiu sua própria fé vibrar.

Mas mesmo antes, ao longo de toda a vida, especialmente a vida pública, é como se o valor de Jesus, o reconhecimento de sua divindade, sempre tivesse vindo dos mais pobres, dos mais pequenos. A fé dos pequeninos, a fé da cananeia, a fé da hemorroíssa, a fé do centurião, ladrão, publicanos e prostitutas, deram a Cristo o seu valor, permitiram a Cristo afirmar o seu valor total e divino. A fé dos pequeninos é a resposta da pergunta "Onde está o teu Deus?", e é uma resposta que não explica, mas indica, mostra; é uma resposta que conduz a Ele e, portanto, permite aos outros de o encontrar, de saber onde está o Deus vivo e, de encontrá-lo e estar com Ele, para provar aos outros que Ele é tudo.

Isto deve tornar-se uma atividade em nossa consciência, de nossa consciência em relação a Ele, para recuperar a vocação cristã e monástica fundamental, que é a predileção por Aquele que nos prefere, a escolha Daquele que nos escolheu, pertencer Àquele que se tornou "nosso", que nos pertence, que é *o nosso Deus, o nosso Amado*, mesmo se somos tão infiéis.